

Altamente Recomendável –
Categoria Reconto, FNLIJ, 2011.

Contos e lendas de um vale encantado — uma viagem pela cultura popular do vale do Paraíba

© Ricardo Azevedo, 2010

Editora-chefe	Claudia Morales
Editora	Anna Angotti
Editora assistente	Lavínia Fávero
Estagiária	Thais Rimkus
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisoras	Bárbara Borges Cynthia Beatrice Costa Liliane Fernanda Pedroso
Colaboradora na pesquisa	Bel Assunção Azevedo

ARTE

Projeto gráfico e ilustrações	Ricardo Azevedo
Editor	Vinícius Rossignol Felipe
Diagramador	Claudemir Camargo

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A986c

Azevedo, Ricardo, 1949-

Contos e lendas de um vale encantado : Uma viagem
pela cultura popular do vale do Paraíba / texto e ilustrações

Ricardo Azevedo. - 1. ed. - São Paulo : Ática, 2010.

128p. : il.

ISBN 978-85-08-12727-6

1. Ficção infantojuvenil. I. Título. II. Série.

09-4872.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 12727-6 (aluno)

ISBN 978 85 08 12728-3 (professor)

Código de obra CL 736853

2014

1ª edição

3ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2010

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 — CEP 02909-900 — São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 — atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

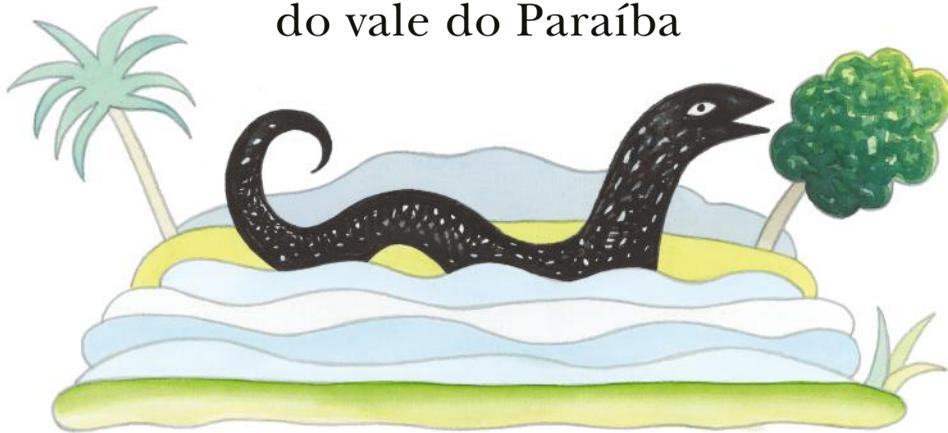


R i c a r d o A z e v e d o



*Contos e lendas
de um
vale encantado*

Uma viagem pela cultura popular
do vale do Paraíba



ea

editora ática

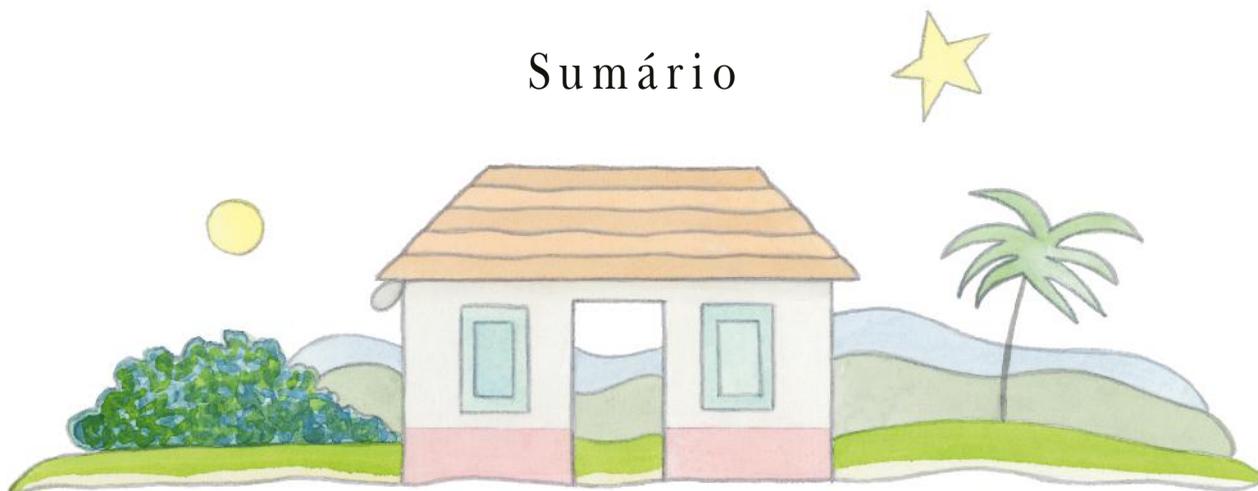


Em memória de meus pais

Para meus irmãos Regina, Luiz, João e Alberto

Para Bel, Zuza e Clara

Sumário



Apresentação 7

- A onça, a tartaruga e o jacaré 8 ●
 - Quadras 12 ●
 - A lenda do Saci 14 ●
 - Ditados 19 ●
 - A papada do papudo 20 ●
 - Adivinhas 28 ●
- A lenda de como Deus fez o homem 30 ●
 - Receitas 33 ●
 - Sopa de malandro 34 ●
 - Crendices 38 ●
- A lenda da cobra que mama 40 ●
- O urubu, o macaco e o cachorro-do-mato 44 ●
 - Quadras 48 ●
 - A lenda do tatu 50 ●



- Ditados 53 •
- A filha bonita do Diabo 54 •
 - Receitas 63 •
- A lenda do galope dentro da noite 64 •
 - Adivinhas 68 •
 - Pedro Valentão 70 •
 - Crendices 75 •
- A lenda do Corpo-Seco 77 •
- A onça, o cachorro-do-mato e a coruja 81 •
 - Quadras 86 •
- A lenda do Curupira 88 •
 - Ditados 95 •
 - O Sargento de Pau 96 •
 - Adivinhas 106 •
 - Receitas 108 •
- De como Pedro Malazarte foi parar no céu 109 •
 - Crendices 118 •
- A lenda da imagem aparecida nas águas do rio 120 •
 - Posfácio 125





Apresentação



*No dia que eu morrer
Não precisa me enterrar
Me joga no Paraíba
Deixa a água me levar.
Quadra popular*

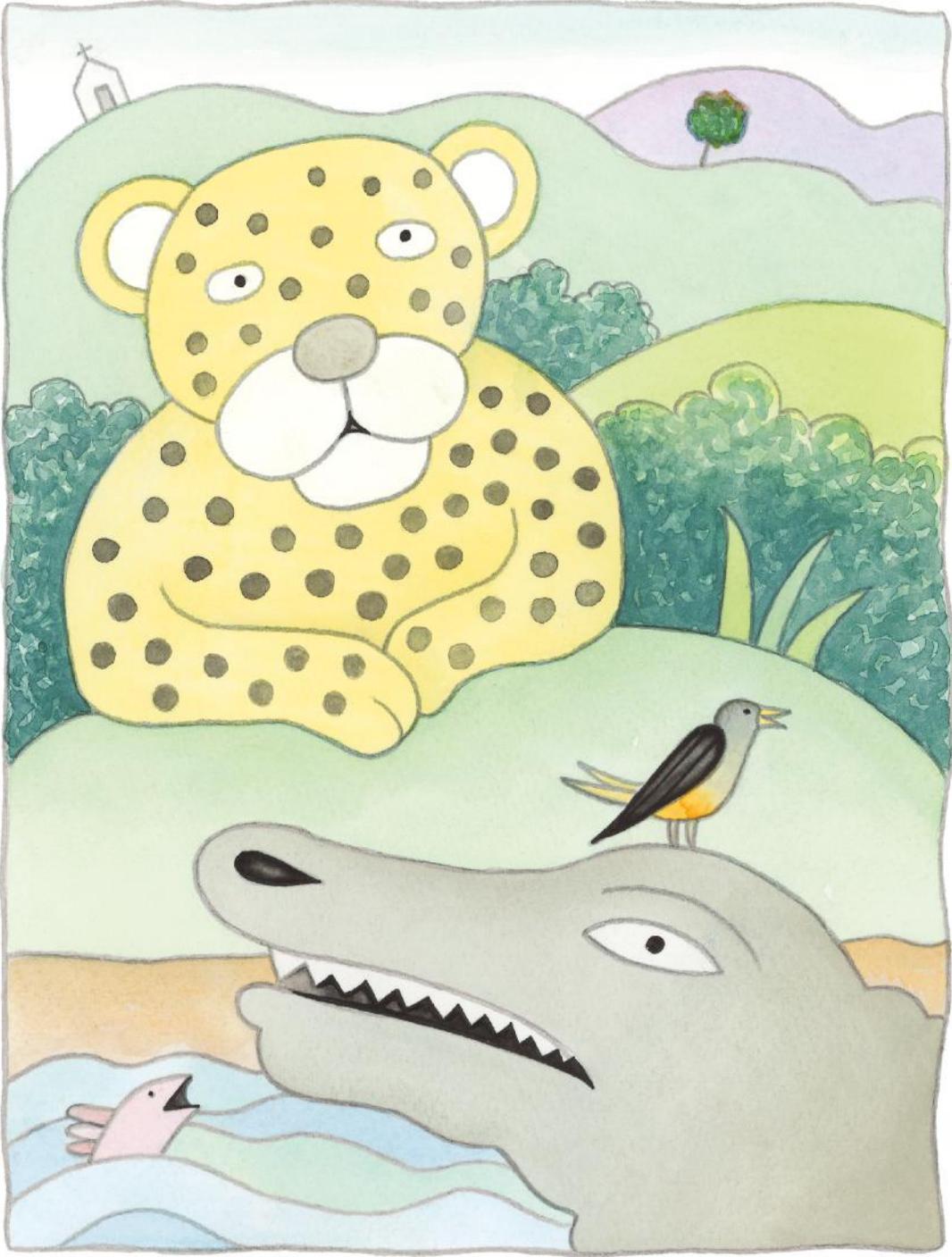
O vale do Paraíba fica entre São Paulo e Rio de Janeiro. Quando eu era criança, toda vez que a família viajava para o Rio, meu pai, guiando o carro, ia mostrando: “Olha aquela casinha no alto do morro. Não é tijolo não. Aquilo é taipa, paredes feitas de terra úmida batida com uma estrutura de madeira. O povo faz casas assim desde o tempo dos bandeirantes. Tá vendo aquele sujeito na estrada carregando uma cruz? Vai a pé daqui até Aparecida pagar promessa. Olha que beleza aquela serra roxo-azulada lá longe. É a Mantiqueira. O pico das Agulhas Negras fica lá no alto. Tem quase 3 mil metros. Desse lado é a serra do Quebra-Cangalha. Cangalha é uma armação de madeira que o pessoal coloca no lombo dos burros pra levar coisas. Uma espécie de caçamba. A serra tem esse nome porque antigamente os tropeiros precisavam passar por ela para chegar ao litoral e não era fácil. Ela é cheia de subidas e descidas. Tá vendo aquelas palmeiras lá longe plantadas em fila? Devem ter mais de 200 anos. Viu a sede daquela fazenda? Olha lá aquele oratório com uma cruz na beira da estrada. É sinal de que alguém morreu ali sozinbo”.

Enquanto isso, as cidades iam passando: Jacareí, São José, Caçapava...

Perto de Cruzeiro, a rodovia Dutra cruza o rio Paraíba. Meu pai sempre estacionava e fazia todo mundo descer do carro. Ficava parado, em silêncio, olhando o rio. Ele e boa parte de minha família pelo lado paterno nasceram em Lorena, o antigo povoado de Hepacaré, próximo de Cruzeiro. Eu era pequeno. Lembro do vento morno batendo, daquele rio caudaloso correndo por entre as pedras e de morros redondos por todos os lados. No começo, achava o rio Paraíba igual aos outros. Pouco a pouco, de viagem em viagem, de parada em parada, fui aprendendo a gostar dele, a enxergar detalhes que antes não enxergava. Aprendi também a ver e admirar aquela paisagem quase feminina, cheia de montanhas e morros encaixados uns nos outros e árvores solitárias e frondosas com casinhas penduradas lá longe.

Só sei que essas paisagens, histórias, tradições, crendices e festas viraram um lugar encantado dentro de mim. Eis a principal razão deste livro.

Ricardo Azevedo



A onça, a tartaruga e o jacaré

A onça-pintada achava que era o bicho mais forçudo do mato inteiro.

O jacaré achava que era o bicho mais forçudo das águas do rio.

Quando a tartaruga passava no mato em busca de um pouco de comida, a onça dizia:

— Lá vem esse bicho lerdo, banguela, feioso, fracote!

A onça-pintada ria. A tartaruga passava sem dizer nada.

Quando a tartaruga chegava na beira do rio para beber um pouco d'água, o jacaré dizia:

— Lá vem esse bicho fracote, feioso, banguela, lerdo!

O jacaré ria. A tartaruga ia embora sem dizer nada.

Um dia a tartaruga teve uma ideia. Entrou no mato, procurou a onça-pintada e disse:

— Lerdo, banguela, feioso e fracote, nada! Sou muito mais forte que você!

A onça caiu na risada:

— Sai pra lá bicho banguela de meia-tigela!

Mas a tartaruga fez cara de ameaça:

— Olha que eu joga você dentro do rio! Quer valer quanto?

A onça gritou:

— Tá apostado!

A tartaruga tinha um plano.

Foi, foi, foi e chegou na beira do rio. Chamou o jacaré e disse:

— Fracote, feioso, banguela, lerdo, nada! Sou muito mais forte que você!

O jacaré deu aquela risada cheia de dentes:

— Sai pra lá bicho fracote feito pixote!

Mas a tartaruga fez cara de ameaça:

— Olha que eu joga você dentro do mato! Quer valer quanto?

O jacaré gritou:

— Tá apostado!

A tartaruga foi correndo falar com a onça-pintada. Levou uma corda bem grossa.

— É hoje!

Mandou a onça amarrar a corda bem amarrada na barriga e explicou:

— Quando for a hora eu assobio. Você puxa e eu puxo. Se eu ganhar você vai pro fundo do rio. Se eu perder você me mata!

A onça gostou da ideia:

— Combinado!

Amarrou a corda na barriga e ficou esperando.

A tartaruga correu com a corda e foi até a beira do rio. Chamou o jacaré e fez a mesma coisa. Mandou amarrar a corda bem amarrada na barriga e esperar o assobio. Disse:

— Se eu ganhar você vai pro meio do mato. Se eu perder você me mata!

O jacaré gostou da ideia:

— Combinado!

Amarrou a corda na barriga e ficou esperando.

Foi quando a tartaruga correu para o meio do mato, subiu numa pedra e assobiou assim:

fi fi ri fi fiu

A onça-pintada, lá no mato, começou a puxar.

O jacaré, lá no rio, começou a puxar.

Uma hora, a onça fez tanta força que quase arrastou o jacaré por cima da terra.

Outra hora, o jacaré fez tanta força que quase arrastou onça-pintada para dentro do rio.

“Eta tartaruga danada de forte!”, pensou a onça suada e assustada.

“Eta tartaruga danada de forte!”, pensou o jacaré assustado e suado.

De repente, a tartaruga gritou:

— Que moleza! Que fiasco! Assim tá fácil demais! Ainda não usei nem metade da minha força!

E começou a assobiar tranquilamente:

fi fi ri fi fiu

fi fi ri fi fiu

Ao ouvir o assobio folgado da tartaruga, a onça se apavorou e fez mais força.

Ao ouvir o assobio folgado da tartaruga, o jacaré se apavorou e fez a mesma coisa.

No fim, foi tanta força, tanta força, tanta força que a corda esticada não resistiu e partiu no meio.

Com isso, a onça levou um tombo, ficou toda machucada e foi se esconder no fundo do mato.

Com o jacaré foi igual. Levou um tombo, quase que se afogou e foi se esconder no fundo do rio.

Os dois fugiram pensando:

— Nossa! Tá louco! Eu, hein? Não é que essa tartaruga é o bicho mais danado e forçudo da floresta inteira?



Quadras

Ó senhor mestre carreiro,
Como chama o vosso boi?
O meu boi chama saudade
De um amor que já se foi.

Meu Santo Antônio querido
Meu santo de carne e osso
Se não me der um marido
Eu jogo você no poço.

Adeus, meu fogão de lenha
Que foi para nunca mais
Deixando no seu lugar
O frio fogão a gás.

Com jeito tudo se arranja
De tudo o jeito é capaz
A coisa é ajeitar o jeito
Só que isso ninguém faz.

Uma xícara de café
Anima qualquer roceiro
Mas o beijo da morena
Vale mais que o mundo inteiro.

